



UC/FPCE 2014

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**As teorias que os funcionários constroem sobre memórias traumáticas: Um estudo *Grounded***

Maria Leonor Albergaria Pinheiro Júdice Bicker (e-mail: leonorbicker@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica subárea de Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas sob a orientação do Professor Doutor Rui Paixão

## **As teorias que os funcionários constroem sobre memórias traumáticas: Um estudo *Grounded***

### **Resumo**

Neste estudo analisam-se as teorias que os funcionários da Casa do Pai elaboram sobre a maneira como as crianças da instituição lidam com o seu passado traumático. Posteriormente, a análise dos dados considera o estudo de Anglin (2002) e compara os seus resultados com os obtidos no presente estudo.

Foram entrevistados duas vezes os cinco funcionários que constituem a equipa da Casa do Pai. As entrevistas decorreram na instituição e foram analisadas de acordo com a metodologia *Grounded*.

Os resultados dividiram as 17 categorias encontradas em três grupos: “Categorias Sintomáticas ou primárias”, “Categorias Relacionais ou secundárias” e as categorias que ligam estes dois primeiros grupos. Estes três grupos ligam-se todos diretamente à *core category* (categoria principal) – “Defesas”. Concluiu-se, a partir daqui, que os funcionários compreendem grande parte dos comportamentos, atitudes e forma de relacionamento destas crianças, como defesas contra o seu passado traumático.

A discussão dos resultados foi feita com base na comparação entre o que foi encontrado no presente estudo e os resultados da investigação de Anglin (2002) sobre os fatores necessários ao bom funcionamento de uma instituição para crianças e jovens em risco.

Da comparação realizada concluímos que existe uma concordância entre aquilo que Anglin (2002) considera ser os três fatores de bom funcionamento de uma instituição e as categorias formuladas a partir dos relatos dos funcionários da Casa do Pai.

Palavras-chave: Funcionários, Centros de Acolhimento, Crianças e Jovens em Risco, *Grounded Theory*.

## **The theories built by the welfare workers about traumatic memories: a Grounded study**

### **Abstract**

The present study will investigate the theories that the welfare workers of Casa do Pai – a temporary house for children and adolescents at risk – build about the way that those children deal with their own traumatic past. After, we will consider the study of Anglin (2002) and we will compare those results with the ones from the present study.

We interviewed twice the five workers of Casa do Pai in their workplace. Those interviews were later analyzed with a grounded methodology.

The results split the 17 categories founded in three groups: “Sintomatic Categories”, “Relacional Categories” and the categories that link these two groups. Those three groups all connect to the core category – “Defenses”.

The discussion of the results will consist in a comparison between what we found in the present study and the results of Anglin’s (2002) investigation about the necessary factors for a good functioning in a welfare group home.

From this comparison, we concluded that there is an agreement between what Anglin (2002) consider as the three factors for a good functioning in a welfare group home, and the formed categories from the reports of the welfare workers of Casa do Pai.

Despite the fact that there is still little investigation about the perspectives of the welfare workers, they seem to be fundamental to the welfare group home’s functioning, as well as the quality of their own effort to achieve their own goals. This is a very important phenomenon, particularly in the case of children and adolescent group homes, because these workers are the ones who spend more time with them, and the ones who take the part of carers and role models.

**Key Words:** Workers, Welfare, Children and Adolescents at Risk, Grounded Theory.

## Agradecimentos

Antes de mais, gostaria de agradecer ao Professor Doutor Rui Paixão, pela orientação paciência, empenho e dedicação ao longo deste processo.

À minha família, o segundo agradecimento mais importante: obrigada mãe Rita, por seres e sempre teres sido o meu exemplo de psicóloga (e mais, de pessoa) e me teres apoiado ao longo desta etapa final, tal como sempre me apoiaste em tudo o que fiz: com o teu sorriso e o teu abraço apertado nas piores alturas, o sol acaba por brilhar mesmo que tudo parece negro. Obrigada pai João, pelos almoços de sábado em que ambos nos queixávamos das respetivas teses e do trabalho que davam, por teres sido o meu companheiro de “dor” nesta hora de trabalho árduo para ambos. E, finalmente, obrigada irmã Maria, por seres um pequenino raio de ânimo e uma lufada de ar fresco sempre que entravas pela casa adentro, vinda de Lisboa, fim-de-semana sim, fim-de-semana não.

Um agradecimento especial também à Doutora Isabel Keating, minha orientadora de estágio, mas também amiga de sempre. Pelas horas passadas em reunião, em que falámos não só do estágio mas também da tese, do trabalho que dava, do quão complicado era, e sobretudo de como eu efetivamente iria conseguir terminá-la. Obrigada Dra., por ter sido mais que uma orientadora, uma terapeuta “emprestada”.

Finalmente, agradeço do fundo do coração aos meus amigos, que são vários e diferentes:

À minha “família” de Coimbra: Miguel, Ricardo, Alex, Pratas, Márcia, Neto, Sílvia, Hugo e Anne um grande, grande obrigada. Pelos cafés até altas horas, em que me queixei durante bastante mais tempo do que devia; pelos desabafos constantes disto e daquilo; pelos conselhos de quem é mais velho e já passou por este processo e sabe que não é o fim do Mundo. Longe ou perto não interessou, porque todos estiveram lá como os meus irmãos e irmãs mais velhos. Obrigada.

Às minhas colegas de Psicologia, “companheiras de guerra” do último ano: Bá, Lisa, Renata, Sofia, Samanta e Catarina. Obrigada por terem colorido o meu último ano com uma amizade tão recente mas já tão importante para mim. Por terem partilhado comigo a prova mental, psicológica e física que é o quinto ano e me terem feito acreditar que efetivamente conseguiria sair dela viva. Sei que com a entrega das teses o ano acaba, mas não o lugar que tão rapidamente ocuparam dentro de mim.

E por fim, claro, às “amigas de sempre”: Mikkas, Anna e Inês. Muito, muito obrigada por... bem, por tudo. E mais não digo nem sei dizer, porque para amigas de sempre não é preciso palavras para agradecer o que quer que seja.

## Índice

Introdução	1
Enquadramento conceptual	2
Perspetivas contemporâneas sobre o trauma	2
O trauma em crianças institucionalizadas	4
A importância dos funcionários nas instituições	5
A importância de compreender e estudar as perspetivas dos funcionários sobre as crianças	6
<i>Grounded Theory</i> : fundamentos teóricos	7
A <i>Grounded Theory</i> , segundo o modelo de Kathy Charmaz (2006)	9
Objetivos	11
Metodologia	11
Desenho	11
Participantes e recrutamento	12
Coleta de Dados	12
Resultados	14
Discussão e análise dos resultados	20
“ <i>The Extrafamilial Living Environment</i> ” – O Ambiente de Vida Extrafamiliar	21
“ <i>Responding to Pain and Pain-Based Behaviour</i> ” – Saber responder à Dor e ao Comportamento baseado na Dor	22
“ <i>Developing a Sense of Normality</i> ” – Desenvolver uma Sensação de Normalidade	23
Conclusões	27
Bibliografia	29
Anexos	32

## Introdução

Retiradas à família por negligência física ou emocional, maus-tratos, abusos, promiscuidade, violência doméstica, entre tantas outras situações, as crianças e os adolescentes institucionalizados guardam dentro de si, na maioria das vezes, memórias muito dolorosas, traumáticas, com as quais têm que viver todos os dias.

Nestas instituições, que funcionam como casas para estes jovens, aqueles que passam mais tempo com eles e os acompanham mais de perto são os auxiliares que lá trabalham. Vinte e quatro horas por dia, em turnos, participam no dia-a-dia destas crianças e adolescentes, ajudam-nos nas atividades escolares, nomeadamente nos trabalhos de casa, ouvem os seus ocasionais desabafos, e fazem o papel de educadores, disciplinando-os e tentando ser para eles um modelo a seguir.

Vendo o funcionamento destas instituições por este prisma, estes profissionais assumem um papel determinante na formação destes jovens, particularmente no modo como podem (ou não) auxiliá-los a lidar com essas memórias eventualmente traumáticas.

Assim, compreende-se a necessidade de investigar e compreender as “teorias” que estes funcionários constroem sobre as crianças com quem trabalham e o seu passado, bem como de que maneira essas experiências traumáticas influenciam o seu comportamento nos dias que correm.

Para atingir essa compreensão, propusemo-nos entrevistar os cinco funcionários da Casa do Pai, um Centro de Atendimento Temporário para crianças e jovens em risco, em Coimbra; analisando, posteriormente, as suas narrativas segundo uma metodologia qualitativa: a *Grounded Theory*.

A Discussão dos resultados obtidos e as teorias emergentes serão analisadas comparando esses resultados com os obtidos por Anglin (2002), que estudou os fatores necessários ao bom funcionamento de instituições para crianças e jovens em risco.

Escolhemos realizar esta comparação com base no facto de Anglin (2002) ser dos poucos autores a realizar um estudo *grounded* que analisa as narrativas de funcionários institucionais, bem como porque da leitura do seu estudo conseguimos compreender que existem vários pontos em comum entre o que este autor considera os fatores para um bom ambiente e bem-estar nas instituições, e as teorias que os funcionários da Casa do Pai constroem sobre as crianças que habitam nestas casas.

Como existe ainda pouca bibliografia sobre este assunto, não encontramos outro estudo onde este tipo de comparação tivesse sido feita, mas consideramos que possa ser uma opção profícua para investigações futuras.

## Enquadramento conceptual

### Perspetivas contemporâneas sobre o trauma

Partindo das conceções clássicas desta temática, muitos autores ligados à perspectiva psicanalítica realizaram investigações e construíram teorias sobre o trauma e os fenómenos traumáticos.

Maldonado e Cardoso (2009), a partir da teoria freudiana, postulam que existe uma estreita articulação entre o traumático e o indizível. Para estas autoras, a incapacidade de falar sobre o trauma, sobre o acontecimento que o desencadeou, está diretamente ligada à incapacidade de simbolização dessa mesma experiência – “o trauma constitui um vivido que ultrapassa a capacidade psíquica de apropriação e de recalçamento” (Maldonado & Cardoso, 2009, p. 45) o que as leva a concluir que a narração de uma experiência traumática será, simultaneamente, uma “narrativa impossível, mas absolutamente necessária”, partindo do princípio que só narrando aquilo que lhe aconteceu o indivíduo se conseguirá libertar desse sofrimento.

As mesmas autoras afirmam ainda “Tendo em vista a dimensão de catástrofe que comporta, o trauma, por definição, vem sempre deslocar o sujeito do seu lugar na cadeia de simbolização.” (Maldonado & Cardoso, 2009, p. 45). As autoras defendem que, para que o indivíduo em questão consiga proceder à narrativa do evento traumático, é necessário que ela seja feita a partir de algo que pode ser conservado na experiência traumática.

Numa outra ótica, Naso (2008) aborda a perspetiva da “invalidação” de Bromberg (2000), autor que se afasta das noções mais gerais de trauma para se focar na relação entre este fenómeno e a dissociação: “Psychological trauma can be looked at in different ways. I see it as the precipitous disruption of self continuity through the invalidation of the patterns of meaning that define the experience of “who one is.”” (Bromberg, 2000, p.7) Para este autor, o trauma reflete momentos em que a consciência é ocupada por outros “Eu’s”, outros sujeitos de experiência, percebidos ao mesmo tempo como “eu” e como “não eu”; sendo que nesta consciência estão em cena múltiplos *selves*, isso vai despedaçar a identidade do sujeito, porque é uma identidade que não pode ser reconciliada nem integrada. Esta relação entre dissociação e trauma é referida também por Brenner (2001), que conceptualiza a experiência traumática como uma das principais causas para o distúrbio de personalidades múltiplas.

Nos últimos anos, a questão do trauma tem sido estudada também pelas neurociências.

Bohleber (2007), no seu artigo “*Remembrance, trauma and collective memory: The battle for memory in psychoanalysis*”, faz a revisão de algumas investigações recentes neste campo no que concerne a memórias traumáticas, concluindo que “[as] recordações traumáticas compõem um grupo especial de experiências que são codificadas prioritariamente e que em geral são preservadas em detalhes, com extrema exatidão e por um longo período.” (Bohleber, 2007, p.163). O autor ressalta as investigações que

demonstram que a exatidão de uma recordação está, muitas vezes, diretamente relacionada à excitação emocional provinda de um acontecimento. Como fatores determinantes para esta exatidão temos: a intensidade emocional, a importância pessoal de um determinado evento, bem como a surpresa e as consequências que ele envolve; sendo que “todos esses fatores atuam de maneira ainda mais marcante no registo de vivências traumáticas, no qual as inter-relações entre evento e recordação são bem mais complexas do que em vivências emocionais que não tenham uma qualidade traumática” (Bohleber, 2007, p.162). Assim, em termos neurobiológicos, os acontecimentos de grande intensidade emocional levariam a uma maior ativação da amígdala, o que por sua vez resultaria numa melhoria no trabalho de recordação. Estas teorias postulam, também, que esta intensa excitação emocional vai aumentar a capacidade de recordação das características centrais do evento (*core features*), que serão recordados com maior exatidão do que outros elementos que não façam parte do núcleo do evento: “Crianças conseguem recordar-se muito bem de eventos traumáticos a partir do terceiro ano de vida, e suas apresentações do núcleo do evento, via de regra, são bastante autênticas” (Bohleber, 2007, p.162). De notar, no entanto, que este movimento de recordação está altamente dependente da capacidade que o Eu teve de manter, pelo menos, a sua função de observação durante o evento traumático.

Ainda dentro desta linha, e tendo em conta que não existe ainda consenso quanto à teoria anterior, Bohleber (2007) fala-nos de um ponto de vista análogo, que postula que não é possível a exceção à regra, isto é, recordar coerentemente uma memória traumática – “Nesse caso, o evento traumático teria um representante na memória implícita, mas as recordações explícitas estariam ausentes no momento, por exemplo, numa amnésia psicogénica, que por si só já indica a existência de uma experiência traumática.” (Bohleber, 2007, p.162). O autor ressalva, no entanto, que estas perspetivas não são absolutamente corroborada por estudos empíricos.

No mesmo artigo, mas voltando à ótica psicanalítica, Bohleber (2007) descreve a teoria de Van der Kolk et al. (1996) sobre memórias traumáticas. Segundo esta perspetiva, há uma memória específica para o trauma. Nesta memória, as recordações traumáticas são armazenadas de maneira diferente em relação ao armazenamento que ocorre na memória explícita autobiográfica, pois a excitação extrema proveniente deste tipo de acontecimentos, cinde a recordação em diferentes elementos somato-sensoriais isolados (imagens, estados afetivos, sensações somáticas, odores e ruídos). Estas recordações implícitas coincidem com as experiências reais, embora não consigam ser integradas numa recordação narrativa. No entanto, esta teoria “apesar de ter sido aceite até mesmo por analistas (...) conduz a uma série de suposições quase insustentáveis do ponto de vista psicanalítico” (Bohleber, 2007, p.166).

Finalmente, Bohleber (2007) postula que as recordações traumáticas desenvolvem uma dinâmica própria, não sendo passíveis de uma adaptação através de ligações associativas com base em novas experiências ou por meio do recalamento, conceptualizando-as como “áreas encapsuladas e similares a um corpo estranho” Bohleber (2007, p. 167). Para este autor, as memórias traumáticas possuem algumas características próprias:



*“Gostaria de destacar três dessas características, mas ressalvo desde já que não posso oferecer uma descrição ampla da fenomenologia ou da sintomatologia desses estados traumáticos. No momento, estou interessado apenas em algumas operações psíquicas específicas. É comum encontrarmos uma regressão a um pensamento onipotente como defesa diante de um desamparo insuportável. Na medida em que uma pessoa traumatizada se culpa pelo trauma que aconteceu e que viveu, transforma seu sentimento de ter sido submetida passivamente a um evento traumático em uma ação na qual foi ativa, e por essa razão deve ser culpabilizada por ela. Mais ainda, no momento do acontecimento traumático uma fantasia existente há muito tempo, recalcada e ameaçadora, uma concepção interna ou uma representação de medo, pode surgir e amalgamar-se com o material traumático em formação. A partir daí, formam-se convicções cindidas ou lembranças encobridoras. A atividade psíquica paralisada do self traumatizado leva ao congelamento do senso psíquico de temporalidade e provoca uma parada interna no tempo. Isso é descrito frequentemente como a sensação de que uma parte do self não entra na correnteza da vida, permanecendo sempre mais ou menos igual, por não poder mais expor-se à vida. É referido também como um “estar colocado de lado” ou viver uma “existência que não é plena”. Langer fala de um estado de perseveração em um enclausuramento em si mesmo, que é incapaz de “escapar à câmara vedada de seu (próprio) momento” (1995, p. 66). Outros dizem simplesmente que o relógio de sua vida parou no momento exato da traumatização. Nas situações traumáticas é comum que a vítima não consiga mais manter os limites entre si e o outro. Excitação sobrepujante e angústia extrema levam ao desmoronamento da própria dignidade e a uma fusão self-objeto como núcleo da experiência traumática, experiência difícil de ser desfeita e que perturba o sentimento de identidade por muito tempo.”*

Bohleber (2007, p.167)

### **O trauma em crianças institucionalizadas**

Um outro trabalho particularmente interessante para este tema, é o artigo de Kenrick (2004), *Remembering and Forgetting – Working with Memories of Trauma with Fostered and Adopted Children*. Destaca-se daí a referência à noção de trauma cumulativo de Khan (1963), de que a maioria das crianças adotadas ou institucionalizadas terão sido alvo. Assim, estes traumas cumulativos podem ter logo começado quando a criança estava ainda no útero (e.g. síndrome fetal alcoólico ou o impacto do abuso de drogas por parte dos pais) e depois continuar sob a forma de falhanços repetidos na contenção da criança por parte do pai ou da mãe (Khan, 1963). Kenrick (2004) fala-nos, ainda, da definição de trauma de Perry et al. (1995), isto é, como as experiências nas quais a criança se encontra sozinha e incapaz de processar por ela própria ou encontrar algum sentido para aquilo que está a acontecer. Perante estas situações, a criança pode não conseguir ter a resposta de luta ou fuga (*fight or flight*) que seria necessária, recorrendo a uma terceira resposta: a paralisia (do corpo e da mente) (*freezing*), que segundo os autores (Perry et al., 1995), se ocorrer repetidamente pode levar a estados dissociativos da mente, ou a encapsulações muito perigosas, onde os eventos são clivados e recalcados, como também referido pelos autores anteriores.

Kenrick (2004) apoia-se nos trabalhos de Bion (1962) para justificar uma maior vulnerabilidade das crianças institucionalizadas ou adotadas, ao trauma, visto que, sem a experiência de *reverie* e de contenção, proporcionada por uma mãe presente, estas crianças “tiveram pouca oportunidade para construir um mundo interno com figuras benignas e

suportativas, para as proteger de experiências persecutórias, intrusivas ou abusivas” (Kenrick, 2004, p.358), acrescentando que, provavelmente, estas crianças terão que construir uma série de defesas que “mesmo que a longo prazo mitiguem o desenvolvimento, [são] necessárias para sobreviver num mundo hostil.” (Kenrick, 2004, p. 358).

Finalmente, o autor coloca uma questão que será útil para a investigação. Diz ele, “Como é que podemos trabalhar com crianças, ajudá-las a compreender factos que nós próprios não conhecemos totalmente? (...) Como é que podemos ir para além da história de vida, que por vezes pode adquirir uma versão quase “oficial” de como as coisas foram?” (Kenrick, 2004, pp. 358-359). Talvez uma possível resposta a estas perguntas esteja na sua afirmação posterior: “Essencialmente, é naquilo que estas crianças sentem, ou falham em sentir, que se situa o efeito mais durador do trauma.” (Kenrick, 2004, p. 359). É sempre aqui, na emoção, que teremos que trabalhar.

### **A importância dos funcionários nas instituições**

Anglin (2002), define a “parentalidade” como a situação em que alguém é responsável por criar e cuidar de uma criança, ou, pelo menos, de alguém que tem outro a seu cargo que de si depende. Diz-nos, também, que embora na maioria das vezes haja uma relação de sangue entre a pessoa que exerce a parentalidade e a que a recebe, isso pode não acontecer. Para este autor, a parentalidade, como “categoria funcional”, refere-se aos papéis e tarefas levadas a cabo pelas pessoas com o estatuto de pais. No entanto, se antigamente as tarefas esperadas por estes indivíduos passavam apenas pela proteção, cuidado e nutrição, nas sociedades modernas esperam-se destes cuidadores um rol de outros papéis como: formação da identidade, desenvolvimento moral, aptidões sociais e educação sexual (Ward, 1995).

Citando Kahan (1994, p. 327) “As we have acknowledged clearly and firmly, residential staff are not and cannot take the place of parents but (...) they have to, or should, fulfill many of the roles and tasks which parents would if the children were at home.” Efetivamente, os funcionários das instituições são as pessoas que, não sendo os pais das crianças, são aqueles que mais tempo passam com elas (e de forma mais íntima); estando assim automaticamente responsáveis pelo seu cuidado e educação, servindo de modelos de referência e influenciando a maneira como eles se relacionam com a instituição, bem como com os outros e o “mundo exterior”. Anglin (2002), considera que embora o termo utilizado para falar dos funcionários tenha mudado várias vezes ao longo do tempo (também de acordo com a definição do próprio papel a assumir por estes funcionários), hoje em dia a nomenclatura a ser usada será a de cuidador (*caregiver* ou *carer*), isto é, aquele que cuida. Também Parker et al. (1991) falam deste “cuidado” e da maneira como as crianças dependem dele (e dos funcionários que o levam a cabo) no seu dia-a-dia: “After all, it is precisely the quality of these intimate and daily experiences that are widely assumed to shape the longer-term outcomes.” (Parker et al., 1991, p. 31)

Segundo Kramer, Sigel, Connors-Burrow, Savary e Tempel (2013), as

crianças institucionalizadas têm uma maior prevalência de problemas de saúde mental, quando comparadas às outras crianças. Para além do trauma original de que muitas das vezes foram vítimas (negligência, abuso, abandono, maus-tratos, entre outros), Burns et al. (2004), Pecora, Jensen, Romanelli, Jackson e Ortiz (2009) verificam que a maior parte destas crianças foram também vítimas de outras formas de trauma, como exposição a violência doméstica, abuso de substâncias parental e eventos traumáticos na sua comunidade.

Anglin (2002), identifica a “pain-based behavior” como o maior desafio dos funcionários; começando por citar Ward e McMahon (1998, pp. 13-14): “For most of us... childhood feelings are manageable and healthy, even though they may cause us considerable pain and confusion at the time: but for children who have experienced the trauma of rejection, neglect, or abuse, their inner world is often in a greater turmoil than the “real” world around them... The worker who attempts to achieve communication with the child’s inner world is therefore operating in highly sensitive territory; here, timing, patience and an ability to demonstrate real empathy are essential.” Podemos, portanto, compreender este conceito como não só ligado aos comportamentos desviantes e disruptivos das crianças institucionalizadas, mas também à maneira como os funcionários lidam com esses comportamentos e os conseguem compreender e “conter”.

Assim, tal como Ward e McMahon (1998), nos dizem que é preciso haver *timing*, paciência e empatia, Anglin (2002) fala-nos da necessidade de ser responsivo em vez de reativo, de usar a influência em vez do controlo e de ser capaz de “ler” o comportamento destas crianças. Compreende-se, então, a necessidade destas crianças, quando institucionalizadas, encontrarem um espaço e cuidadores que consigam entender empaticamente e ajudar a ultrapassar/elaborar esse passado traumático.

No entanto, segundo Darlington, Osmond e Peile (2002), pouca atenção tem sido dada na literatura profissional à compreensão que os funcionários das instituições fazem da natureza e causa do abuso destas crianças. Citando estes autores “This is surprising given that such workers are involved with investigating and developing assessments of incidents of abuse as part of their daily practice.” (Darlington, Osmond, & Peile, 2002, p.55)

### **A importância de compreender e estudar as perspetivas dos funcionários sobre as crianças**

Como referido antes, embora existam poucos estudos sobre as perspetivas e ideias destes funcionários sobre as crianças e as instituições onde estas estão colocadas, alguns referem o quão importante seria que esta questão fosse mais investigada, e o quão importante é “ouvir” as vozes destes cuidadores (Bademci, 2012; Cheung, Goodman, Leckie & Jenkins, 2011; Darlington, Osmond, & Pelie, 2002).

Bademci (2012, p.732) diz-nos, num estudo sobre as perspetivas dos funcionários que lidam com as crianças de rua em Istambul: “Wright (1994), argues that the view points of service providers attribute a great deal to the

characteristics of groups of people who need care, who are categorised alike as dependent or deviant. It is, then, the institution that forms the perception and interpretation of the client's behaviour.”

Num dos poucos estudos feitos sobre este tema examinou-se a compreensão que os funcionários tinham do abuso físico feito às crianças, tendo-se verificado que estes trabalhadores desenvolvem uma série de teorias sobre este tema concordantes com a literatura existente (mesmo que essas ideias surjam, simplesmente, por via empírica) (Darlington et al., 2002). Nas conclusões deste estudo, os autores falam da importância em perceber as ideias deste grupo de pessoas, e do quanto, por exemplo, o conhecimento dessas ideias pode ajudar a elaborar formações diretamente orientadas e adaptadas às necessidades dos funcionários, das crianças e das instituições.

No estudo de Bademci (2012) *”Working with vulnerable children: Listening to the views of the service providers working with street children in Istanbul”*, as conclusões foram também ao encontro desta necessidade de “ouvir” estes trabalhadores, sendo que os autores concluíram que esta teria sido uma oportunidade não só para examinar as experiências e a situação de trabalho destes atores sociais, mas também para perceber como as suas ideias realmente determinam o âmbito e a qualidade deste cuidado.

Finalmente, Cheung, Goodman, Leckie e Jenkins (2011, p. 2051) concluem afirmando: “Children in care face a unique set of circumstances where workers and foster parents monitor and provide their care. Therefore, children's in-care development may be influenced (...) by the worker who monitors their care. Understanding the influence of the worker on child outcomes in children in-care is important because differences between workers can be related to outcomes in children in care.”

### ***Grounded Theory: fundamentos teóricos***

A *Grounded Theory* é uma das metodologias qualitativas mais utilizadas atualmente no âmbito das ciências sociais e humanas, nomeadamente ao nível da Psicologia (Fernandes & Maia, 2001). Foi pela primeira vez apresentada por Glaser e Strauss (1967) no livro *”The Discover of Grounded Theory”*, sendo que, segundo os autores, teria o objetivo de “acabar com o fosso embaraçante entre a investigação teórica e empírica” (Glaser & Strauss, 1967, p.7). Com a criação desta metodologia, os autores procuraram elaborar um método de pesquisa em que o investigador, em vez de “tomar a teoria como ponto de partida, deveria procurar conceber uma teoria fundamentada em dados a partir e representativos da realidade dos sujeitos estudados” (Pinto & Santos, 2012, p. 419); a construção teórica seria assim o ponto de chegada, em vez de ponto de partida, como ocorre nas metodologias quantitativas.

Esta metodologia vai beber os seus princípios teóricos ao Pragmatismo (Dewey, 1925; Mead, 1934) e ao Interacionismo Simbólico (Blumer, 1931; Hughes, 1971; Park & Burgess, 1921). Destas duas correntes, nascem os dois princípios fundamentais desta metodologia: o

primeiro relativo à mudança, partindo do princípio que nenhum fenómeno é estático, e que, por isso, o processo de investigação deve trazer mudança ao próprio método; o segundo princípio diz respeito ao determinismo, no sentido não de o adotar mas sim de o rejeitar, pois perante esta teoria os sujeitos são atores do seu destino, através das respostas, comportamentos e das escolhas que fazem, baseadas na sua perceção (Corbin & Strauss, 1990). Assim, “grounded theory seeks not only to uncover relevant conditions, but also to determine how the actors respond to changing conditions and to the consequences of their actions.” (Corbin & Strauss, 1990, p.5).

A metodologia da *Grounded Theory* está desenhada para guiar os investigadores na produção de uma teoria “conceptualmente densa”, ou seja, com muitas relações conceptuais. Estas relações - designadas proposições - são equivalentes às relações encontradas nas teorias quantitativas, mas sobre a forma de discurso, estando embutidas num denso contexto de escrita descritiva e conceptual (Glasser & Strauss, 1967). Os investigadores que seguem esta metodologia, estão interessados em padrões de ação e interação entre e dentro vários tipos de unidades sociais (e.g. atores); não estando especificamente interessados em criar teorias acerca de atores individuais, mas sim sobre as suas interações, bem como o modo como se relacionam com o ambiente social envolvente (Corbin & Strauss, 1990). Assim, “uma teoria desenvolvida segundo esta metodologia é capaz de especificar as consequências e as condições relacionadas com elas, de maneira a que o investigador possa afirmar que, se algures as mesmas condições se proporcionarem, então as mesmas consequências irão ocorrer.” (Corbin & Strauss, 1990, p.5).

Como nas outras abordagens qualitativas, os dados para a *Grounded Theory* podem vir de várias fontes. A colheita de dados envolve, sobretudo, entrevistas e observações, mas também pode envolver dados de vídeos, cartas, livros, jornais... Qualquer fonte que possa dar alguma luz sobre as questões visadas no estudo (Glasser & Strauss, 1967).

A análise começa a partir do momento em que se recolhem os primeiros dados. Estes dados vão, então, através da análise, ser convertidos em conceitos, que são as unidades-base da análise: “o investigador trabalha com conceptualizações dos dados, e não com os dados per se” (Corbin & Strauss, 1990, p.7). Por sua vez, os conceitos que pertencem ao mesmo fenómeno, podem ser agrupados para formar categorias; as categorias encontram-se num nível superior e mais abstrato que os conceitos que representam, no entanto, são produzidas através do mesmo processo analítico de comparação e análise de semelhanças que é operado para produzir os conceitos. As categorias são as “pedras basilares” de qualquer teoria em desenvolvimento, e proporcionam os meios através dos quais esta teoria pode ser integrada. Ao longo do tempo, e através do processo de análise e especificação, as categorias vão ganhando definição e poder explanatório; categorias similares podem agrupar-se para formar teorias (Corbin & Strauss, 1990).

O processo analítico é feito através de um trabalho de codificação. Segundo Corbin e Strauss (1990) existem três tipos diferentes de codificações:

- *Open coding* (codificação aberta) – é o processo interpretativo

através do qual a informação é escrutinada analiticamente. É através deste tipo de codificação que são construídos os conceitos e as categorias.

- *Axial coding* (codificação axial) – é o processo através do qual as categorias são relacionadas com as subcategorias correspondentes, e as suas relações são testadas considerando os dados.

- *Selective coding* (codificação seletiva) - é o processo através do qual todas as categorias se unificam à volta de uma categoria nuclear (*core category*), e pelo qual as categorias que precisam de mais explicação são preenchidas com detalhes descritivos. Este tipo de codificação é mais comum nas fases mais avançadas da investigação.

Finalmente, uma teoria criada através da *Grounded Theory*, deverá ser avaliada segundo: a validade, a credibilidade e a fiabilidade dos dados; a plausibilidade e o valor da teoria em si; a adequação do processo que gerou, elaborou ou testou a teoria; e através da avaliação da base empírica das conclusões científicas retiradas (Corbin & Strauss, 1990).

### **A *Grounded Theory*, segundo o modelo de Kathy Charmaz (2006)**

O modelo *grounded* proposto por Kathy Charmaz (2006) serviu de referência ao estudo aqui desenvolvido.

Para Charmaz (2006), o processo da *Grounded Theory*, embora comece pela recolha de dados e acabe na escrita da análise e na reflexão sobre todo o processo, não é, na prática, tão linear assim: “Grounded theorists stop and write whenever ideas occur to them. Some of our best ideas may occur to us late in the process and may luer us back to the field to gain a deeper view (...) I treat grounded theory methods as constituting a craft that researchers practice. Like any craft, practitioners vary in their emphasis on one or another aspect but taken together share commonalities.” (Charmaz, 2006, p.10).

No capítulo anterior, falou-se de “*open coding*”, “*axial coding*” e “*selective coding*”, como parte das teorias originais da *Grounded Theory*. Para Charmaz (2006), existem outros dois tipos de codificação: 1) *line-by-line coding*, que será o primeiro passo de análise de dados, que permite ao investigador estudar de perto a sua informação, linha-a-linha e começar a conceptualizar as suas ideias; 2) *focused coding*, que permite ao investigador separar, selecionar, e sintetizar grandes quantidades de informação.

Muito importante neste modelo é, também, o processo de escrita de memorandos. Estes são o diário do investigador *grounded*, ajudando a desenvolver as ideias sobre a informação a ser analisada. Devem conter os vários códigos e categorias analisados, para uma melhor visão destes, e ser escritos ao longo de todo o processo de investigação: “Memos provide ways to compare data, to explore ideas about the codes, and to direct further data-gathering. As you work with your data and codes, you become progressively more analytic in how you treat them and thus you raise certain codes to conceptual categories.” (Charmaz, 2006, p.12). Para esta autora, uma alternativa aos memorandos, e que servirá o mesmo efeito de organização de informação serão os diagramas. Neste trabalho, tanto um como outro serão utilizados.

Para além dos conceitos novos de codificação linha-a-linha e codificação focada, Charmaz propõe os conceitos de “*Theoretical Sampling*”, “*Saturation*”, e “*Sorting*”. O primeiro diz respeito à estratégia *grounding* de obter mais informação seletiva para refinar e preencher as categorias principais. O segundo diz respeito à saturação teórica, ou seja, aquele momento em que nos apercebemos que não vão emergir mais propriedades das categorias principais durante a coleta de dados. O conceito de *sorting* refere-se à seleção de memorandos (e/ou diagramas) para compreender as relações entre as diferentes categorias e assim integrar o trabalho de análise de dados.

Finalmente, para compreender na totalidade a *Grounded Theory* segundo esta autora, temos que considerar a sua perspectiva construtivista no que diz respeito a esta metodologia.

Para esta autora a teoria *grounded* emerge ao investigador, não apenas através da análise da informação, mas também através da interação deste com todo o contexto em que a investigação se desenvolve, incluindo o ambiente social envolvente, as características dos entrevistados, bem como as próprias características do investigador (Charmaz, 2006).

“A social constructionist to grounded theory allow us to adress *why* questions while preserving the complexity of social life. Grounded theory not only is a method of understanding research participant’s social constructions but is a method that researchers construct throughtout inquiry.” (Charmaz, 2008, p.397).

## Objetivos

O objetivo primário desta investigação é o de compreender as "teorias" que os funcionários da Casa do Pai constroem sobre as crianças que ali residem, incluindo o modo como lidam com as memórias (eventualmente traumáticas) associadas à família biológica e as vivências que vão reportando no seu dia-a-dia. Esta compreensão será feita com base na "leitura" que estes auxiliares fazem do comportamento das crianças, considerando as suas dimensões cognitivas, emocionais e relacionais. Este objetivo será alcançado através da recolha de testemunhos, analisados qualitativamente, bem como da observação e interação com o contexto institucional e social envolvente.

Posteriormente, iremos cruzar os dados obtidos através da análise das entrevistas com os resultados do estudo de Anglin (2002) sobre os fatores necessários ao bom funcionamento e bem-estar nas instituições. Este autor terá definido três fatores que contribuem para este aspeto, que se relacionam de perto com os resultados obtidos no presente estudo.

## Metodologia

### Desenho

A metodologia utilizada baseia-se em narrativas sobre um determinado fenómeno, razão pela qual assenta numa metodologia *Grounded*. Considerou-se ser esta a melhor maneira de analisar o fenómeno, uma vez que o problema em estudo inclui uma componente humana e experiencial difícil de reduzir e trabalhar com metodologias quantitativas. O modelo da *Grounded Theory* aplicado foi o modelo de Kathy Charmaz (2006), baseado no modelo original de Glaser e Strauss (1967), mas com a particularidade de introduzir uma abertura e percorrer “um caminho teórico e metodológico em que a reflexividade, a par dum escrutínio do método e de si próprio (investigador), assumem uma importância central, enquanto princípios-base numa linha de cariz construtivista” (Santos & Luz, n/d, p.5).

Assim, seguindo esta perspetiva epistemológica, Charmaz (2006) vai considerar como elementos centrais para a construção da teoria: o posicionamento dos atores; as situações e ações de estudo; a assunção de múltiplas realidades e a assunção da subjetividade do investigador, a qual, quando explicada corretamente, é um ótimo recurso a ser mobilizado (Santos & Luz, n/d).

Inclui entrevistas aos 5 auxiliares da "Casa do Pai" da Fundação Bissaya Barreto que compõem a totalidade do corpo de funcionários da referida instituição. O trabalho envolveu 10 entrevistas, gravadas em registo áudio, e realizadas até à *saturação* dos dados, isto é, até não existir mais informação relevante para recolher para a análise do problema. Esta



informação foi completada com uma observação atenta do comportamento e postura dos funcionários durante as entrevistas, bem como com informação sobre o ambiente social envolvente.

### **Participantes e recrutamento**

Como já referido, participaram nesta investigação os cinco funcionários que trabalham atualmente na Casa do Pai, um Centro de Atendimento Temporário para crianças e jovens em risco, situado em Bencanta e integrado na Fundação Bissaya Barreto. Estas auxiliares têm como funções e responsabilidades tomar conta destas crianças no seu dia-a-dia, acompanhando-as com atenção e afeto; aconselhando-as; ajudando-as nas diferentes atividades (incluindo os trabalhos escolares); e, sobretudo, educá-las no sentido mais geral do termo, propondo-se eles próprios como figuras de identificação e de vinculação.

Para que os sujeitos pudessem ser entrevistados, pediu-se autorização à diretora da instituição, bem como às suas duas superiores hierárquicas. Obtida a aprovação, foram consultados pela diretora os funcionários, verificando-se a sua disponibilidade e concordância em participar na investigação. No início da primeira entrevista todos os sujeitos voltaram a ser questionados sobre a sua disponibilidade para participarem no projeto. Todos os participantes concordaram em ser entrevistados, mantendo-se os cinco até ao fim do estudo.

### **Coleta de Dados**

Todos os sujeitos foram entrevistados no seu local de trabalho, segundo a sua disponibilidade horária e de acordo com a diretora da instituição. As entrevistas duraram, em média, entre vinte minutos e uma hora. As primeiras entrevistas focalizaram-se nos seguintes tópicos sobre as crianças institucionalizadas na Casa do Pai:

- Vida emocional, no sentido de possíveis dificuldades emocionais que pudessem ser observadas nas crianças através dos comportamentos, dos sonhos e da expressão verbal
- Relação com os pais, expressa através dos comportamentos e da expressão verbal;
- Relação com os outros, nomeadamente com os colegas da instituição e com os próprios funcionários, e com as famílias amigas;
- Relação com a instituição, no sentido sobretudo dos sentimentos e comportamentos aquando da chegada à mesma, e das possíveis dificuldades/facilidade ou outras vicissitudes na sua integração;
- Narrativas que constroem em torno da separação, nomeadamente ao nível das saudades que sentem de casa e da família;
- Memórias traumáticas, expressas ao nível dos comportamentos e da expressão verbal;
- Expressão do conflito, incluindo nas atividades lúdicas e nos sonhos;
- Dificuldades cognitivas, como problemas de aprendizagem, dificuldades na escola e nos trabalhos de casa;

Na segunda ronda, existiam duas categorias que poderiam ser mais exploradas, por isso realizou-se um segundo questionário, agora mais curto, que incidiu sobretudo sobre as categorias “Contenção Emocional” e “Dificuldades Emocionais”. Este incluiu também uma pergunta de confirmação sobre aquela que se suspeitava ser a *core category* (categoria principal). Esta última pergunta funcionou como um sumário das respostas ao questionário anterior, perguntando-se-lhes depois qual a razão que eles encontrariam para estes resultados (ou para estes comportamentos e atitudes das crianças da Casa do Pai).

As entrevistas, foram gravadas em formato áudio, através do programa de gravação *standart* do sistema operativo *Windows 7*, sendo posteriormente transcritas para um documento *Word*. As entrevistas mantiveram-se sempre num registo informal e agradável e, embora estruturadas em função do guião, aconteceram sempre com toda a flexibilidade necessária à liberdade de expressão dos entrevistados.

Todas as entrevistas foram conduzidas pela investigadora, com cada um dos funcionários individualmente e em privado, de modo a preservar a standardização do processo de coleta dos dados.

De notar, finalmente, que foram adotados nomes fictícios, tanto para os participantes como para as crianças aqui mencionadas, de modo a proteger a sua identidade, tendo estes sido previamente informados de tal procedimento.

## Resultados

Todos os processos de avaliação por entrevista implicam um conjunto de riscos específicos que advêm da natureza do próprio processo. No caso, as entrevistas aos funcionários da Casa Do Pai implicavam um risco potencial derivado do facto da situação poder ser vivida de forma ameaçadora. No entanto, isto parece não ter acontecido. Tanto na primeira, como na segunda entrevista, todos os funcionários pareceram abertos, e até contentes por partilhar a sua experiência com as crianças. Crê-se que foram bastante honestos e espontâneos, pela maneira como falaram, pela postura e pela linguagem corporal que assumiram ao longo das duas entrevistas. Perceberam muito bem o conceito de passado traumático, e todos reconheceram que este existia em todas as crianças, mesmo naquelas onde isso seria menos notório e sintomático.

Todos pareceram empenhados em contar tudo o que sabiam sobre as crianças. Quando falavam delas, falavam como se se referissem a alguém da família, quase; não um filho, mas um sobrinho querido, por exemplo. Pareceram-me muito atentos a tudo o que elas faziam, e conhecedores das particularidades e vicissitudes de cada um, bem como dos comportamentos, hierarquias e dinâmicas grupais. Quando falavam de coisas más, colocavam um certo ar de confissão, preocupados e conscientes de que se passavam coisas muito complicadas no interior daqueles meninos; quando falavam de coisas felizes, partilhavam felizes e divertidos, com um certo ar de carinho cúmplice, de quem gosta de ver as coisas boas das crianças.

O mais curioso foi o fato dos sujeitos lerem os problemas destas crianças com teorias psicológicas. As suas deduções sobre mecanismos de defesa, o porquê de certos comportamentos e atitudes, elaborados com base na sua experiência, parecem muito próximos das que um psicólogo retiraria, pelo estudo teórico e treino prático de intuição e empatia. Esta terá sido uma das primeiras (e mais positivas) descobertas a serem feitas através da análise das respostas.

Depois de transcrever e analisar as entrevistas através da sua leitura, iniciou-se o processo de análise através de uma tabela de organização dos dados: na primeira fase estes foram organizados pelo processo de codificação (uma organização mais geral), e depois, em análise cada vez mais afinada e específica, nos processos de categorização e conceptualização.

Feita a codificação, foi necessário formatar a tabela de dados, no sentido de procurar todas as categorizações iguais e agrupar os dados correspondentes a cada, de modo a formar conjuntos de dados (incluindo os códigos), para que depois fosse mais fácil fazer a conceptualização. Estando a tabela formatada, foi então realizado este processo final, seguindo a mesma formatação de agrupamento. No final, e com os dados assim organizados, conseguiu-se ter uma ideia bastante clara de toda a informação, e iniciou-se o processo de retirada de conclusões.

Tal como explicado na metodologia, foram precisas duas rondas de entrevistas para que se atingisse a “saturação teórica”, ou seja, para que

houvesse a noção de que não seria necessária mais informação sobre o assunto, para que a teoria pudesse emergir de maneira sólida.

A análise de dados terá sido igual para ambas as entrevistas, e efetivamente no final da segunda ronda de análise, as conclusões puderam emergir com grande facilidade. Algumas delas haviam emergido já durante a primeira fase, mas só com a confirmação da segunda ronda puderam tornar-se sólidas e válidas na teoria emergente.

Assim, da análise das entrevistas realizadas, segundo o método da *Grounded Theory*, obtiveram-se 17 categorias relevantes, organizadas em três grupos de análise: o grupo 1 – “Categorias Sintomáticas”, o grupo 2 – “Categorias Relacionais” e um terceiro grupo, transversal, que liga estes dois primeiros. A categoria principal, em relação à qual giram todas as outras, designada *Core Category*, é a categoria “Defesas”.

Segue-se a explicação da análise efetuada:

A *Core Category*, surgiu como central aquando da compreensão de que todos os funcionários, em todas as entrevistas, relatavam diversos comportamentos das crianças como sendo uma proteção que estas usariam contra aquilo que haviam passado antes de irem para a instituição, ou seja, como uma defesa contra o seu passado traumático.

Assim, na categoria “Defesas”, temos testemunhos como: *“Percebe-se que a reação deles não é a normal numa criança de 6, 10, 12 anos mas que poderá ser a resposta que eles estão a conseguir construir”* ou *“Depois são muito desiludidos, prometem-lhes e não cumprem e depois eles vão ganhando essas defesas de autoproteção”* ou *“Mas eu acho que isso tem que ver com uma autodefesa não é? Eles arranjam estratégias.”*

Do mesmo modo, em outras categorias, a relação com a defesa contra o passado traumático está presente, como por exemplo:

Na categoria “Dificuldades de Expressão Verbal”: *“De qualquer das maneiras com o passado que eles têm... Por exemplo, embora todos saibam as razões porque estão aqui poucos deles falam delas.”* ou *“Pronto, mas à partida eu acho que é um bocado isso: como foram retirados da família eles não vão abrir a boca, porque acham que tudo o que vão dizer pode prejudicar a família ou pode prejudicar eles próprios.”*

Na categoria “Expressão pelo Comportamento”: *“Em termos de comportamento sim, alguma coisa mal resolvida é expressa.”*

Na categoria “Dificuldades Cognitivas”: *“É muito difícil ter boas notas e bom desempenho cognitivo se não se está bem emocionalmente.”*

Na categoria “Dificuldades Emocionais”: *“a capacidade relacional nem sempre é fácil, claro está dos contextos de onde eles partem, de onde eles nos chegam...”* ou *“porque eles têm muitos medos de confiar no outro, as experiências vividas anteriores fizeram-lhes perder a confiança nas pessoas.”*

Mesmo a categoria “Amor à Família” poderá ser vista como sintomática: *“Gostam deles e querem voltar, porque mais vale ter aquilo que não ter nada.”*

E tal como nas categorias apresentadas acima, muitas outras lhes seguem, como “Passado Traumático”, “Expressão Lúdica”, “Problemas do Sono”, “Família Negativo” e “Contenção Emocional”.

Estas serão então as categorias que pertencem ao primeiro grupo de

análise: “Sintomáticas”, que se ligam diretamente à *Core Category* exatamente pela percepção que os funcionários têm de que serão sintomas de um passado que as terá marcado negativamente, de que estas formam como maneira de se defender desse passado.

Num segundo grupo de análise, temos as “Categorias Relacionais”. Estas, ainda que ligadas diretamente à *core category*, são de natureza diferente, no sentido em que dizem respeito ao ambiente da instituição e às relações que nele ocorrem, essenciais para a integração das crianças na instituição e, portanto, para o seu bem-estar. São assim, um grupo paralelo ao primeiro.

Neste segundo grupo, aparecem categorias como:

“Relações entre Pares”: *“Vêm-se como grupo e interação entre eles.”; “Têm momentos de apoio incondicional em que se defendem uns aos outros com unhas e dentes, mas depois têm momentos em que a casa entra em alvoroço e é o “salve-se quem puder”.*

“Relações com os Funcionários”: *“Eles identificam-se mais com umas pessoas do que com outras e também isso interfere na relação que eles demonstram e na capacidade de abertura que eles demonstram com algumas pessoas.”; “Também têm ciúmes uns dos outros. Se um vem e diz que lhe dói o braço, e a gente diz: “Dá cá o braço” e faz uns mimiños, o outro vem e diz: “Tenho isto no pé” e vem o outro e diz “Estou quente” É normal, porque eu estou a dar atenção ao outro. As meninas é, se eu faço um tóto a uma, as outras querem ir todas de igual.”; “Mas nós sentimos que apesar de tudo que eles confiam e que sabem que nós estamos aqui para os ajudar e para os apoiar.”*

“Relação com a instituição”: *“eles estão institucionalizados e mesmo que as coisas aqui dentro tenham...os acalmem, e eles tenham uma vida minimamente orientada e estruturada, eles estão numa instituição e isso marca-os e eles todos os dias vivem com essa situação.” ou “Têm a noção que, por exemplo, que eles veem que há colegas que já estão a sair... que estão... ou seja, eles têm noção que não são desamparados e que não vão cair no Mundo assim de qualquer maneira depois de saírem da Casa.”*

Também neste grupo temos as categorias: “Saudades”; “Chegada à Instituição” e “Integração”.

Assim, como explicado no esquema final, obtiveram-se três categorias que fazendo parte da análise não integram nenhum dos dois grupos mencionados acima, antes os ligam. São essas categorias: “Expressão Verbal”, “Expressão Emocional” e “Intervenção dos Funcionários”.

Estas estão, então, numa posição transversal aos outros dois grupos, que medeiam os comportamentos percebidos como sintomas/defesas e o ambiente relacional e institucional. Isto deve-se ao facto dos funcionários não só perceberem a expressão verbal e emocional como as ferramentas essenciais para que exista uma ligação entre eles e as crianças, como também as procuram estimular na sua intervenção perante elas, por as perceberem como essenciais para minimizar o seu sofrimento e melhorar a sua integração e bem-estar na instituição.

Pode-se verificar que todas estas três categorias se relacionam entre si, “trabalhando para o mesmo bem”. Assim:

“Expressão Verbal”: *“Contam sobretudo a quem se identificam e*

*gostam mais, ou a quem está disponível.”; “Há alguns que falam, e que vêm ter connosco e dizem que estão mais tristes ou menos tristes...”; “Outros, quando a gente se apercebe ou quando demonstram que estão mal e a gente fala com eles, há meninos que dizem o que estão a sentir, conversam.”*

*“Expressão Emocional”:* *“Os que, como eu digo, continuam de alguma forma ligados a essas memórias... hmm... se as coisas correm bem, correm bem, se as coisas não correm bem eles demonstram das mais variadas formas.”; “Porque tem momentos que vem ao de cima, tira logo, logo; pronto, ou porque alguma coisa correu mal, com alguém da família, ou porque está chateado e tal, sai logo tudo cá para fora.”*

*“Intervenção dos funcionários”:* *“O objetivo é que eles estejam bem. “; “E que a gente através dessas coisitas que eles nos vão mostrando nas primeiras horas, nos primeiros dias, a gente vai chegando a eles: o que é que eles gostam, o que é que eles gostam menos, o que é que os faz esquecer o que eles passaram, sobre o que é que a gente pode falar com eles, ou dizer certas e determinadas coisas ou fazer algumas perguntas assim mais...”; “Se às vezes ficam assim mais tristitos, mais murchitos, a gente vai e tenta saber porquê, vamos lá dar a volta. Se eles quiserem falar; se eles não quiserem falar a gente respeita e vamos fazer isto, vamos fazer aquilo, vamos brincar... tirá-lo ali daquele pensamento, percebe Leonor? “*

Poder-se-á concluir, então, que a visão que os funcionários têm destas crianças é uma visão muito centrada nas suas necessidades, e muito compreensiva em relação ao que passaram antes de serem institucionalizados; girando a intervenção que fazem sobre elas à volta desta "vontade" em compreender melhor o que se terá passado com elas, bem como tentar diminuir este sofrimento percebido. Os comportamentos – mesmo aqueles mais turbulentos e incomodativos para quem trabalha com estas crianças – são enquadrados na sua história de vida e compreendidos, e no fundo até trabalhados; porque basta que exista da parte destes cuidadores uma compreensão, para que a ação destes funcionários sobre as crianças seja uma ação "pró-terapêutica".

Como suporte para a retirada de conclusões, elaborou-se, a partir da tabela da análise de dados, um diagrama que sumaria toda a informação relevante da referida tabela. A visão gráfica dos dados obtidos contribuiu grandemente para uma sumarização mais consistente e coerente destes, bem como se apresenta como um bom auxiliar na compreensão dos resultados relatados acima (Diagrama 1).

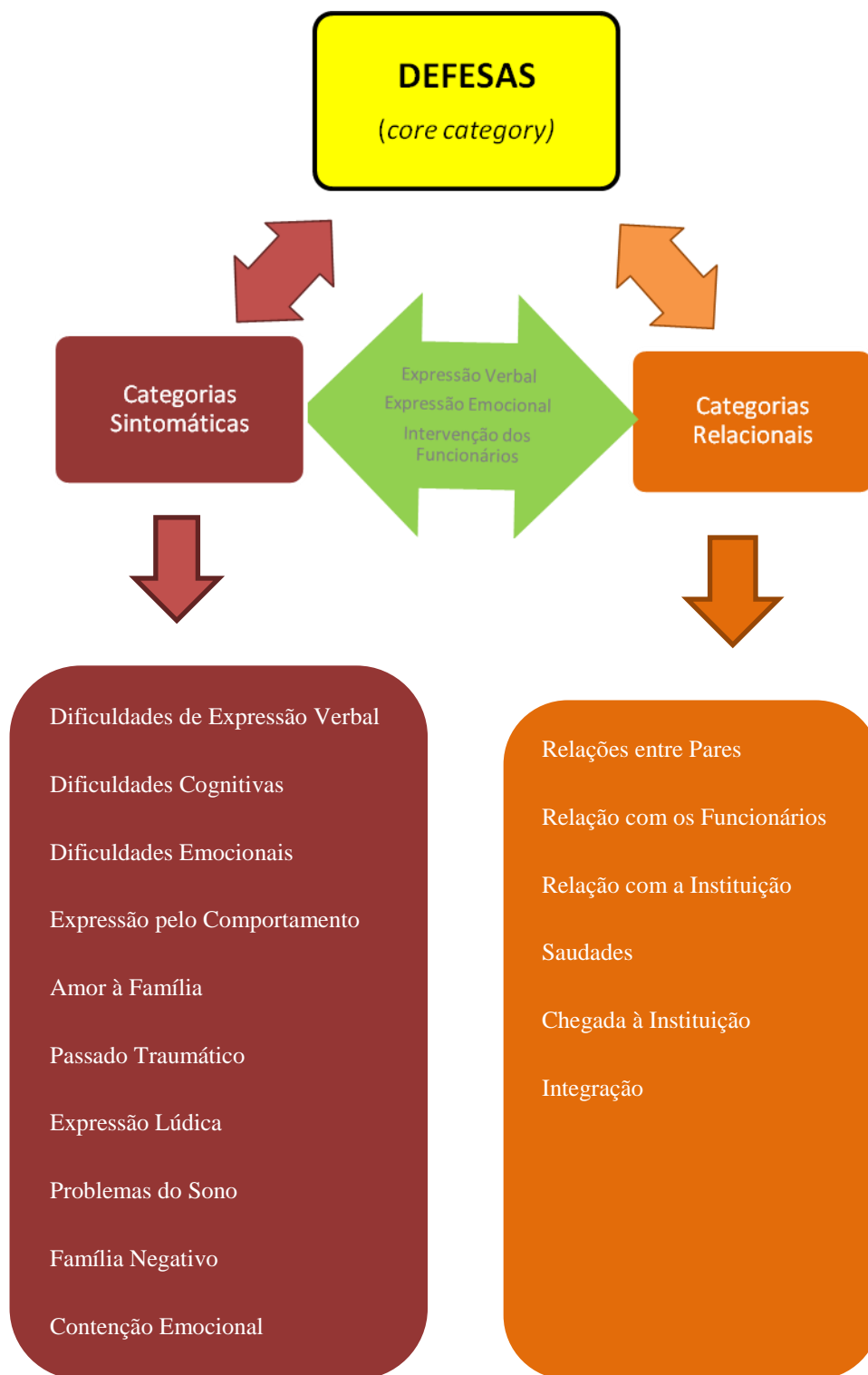


Diagrama 1- As teorias que os funcionários constroem sobre memórias traumáticas

Podemos verificar, da análise do diagrama, aquilo que terá sido explicado acima através da transcrição de alguns dos testemunhos dos funcionários.

Temos, então, dois grupos paralelos de categorias: um ligado aos “sintomas”, problemas em algumas áreas da vida prática e emocional ou comportamentos e atitudes mais problemáticos ou desviantes; e outro ligado às relações que as crianças constroem, sobretudo no que diz respeito às que ocorrem dentro da instituição e com a própria instituição. Estes dois grupos são atravessados e ligados por uma terceira condição, formada apenas por três categorias, que por sua vez representam a compreensão que os funcionários fazem da importância da possibilidade das crianças se puderem expressar e da intervenção ao nível dessa expressão, no sentido de as ajudar a falar sobre aquilo que as deixa mal para poder diminuir estes sintomas (situados no primeiro grupo), assim como para melhorar as relações com os outros (segundo grupo). Percebe-se assim que estes dois grupos sejam paralelos e atravessados pelo terceiro.

Finalmente, com destaque no diagrama e em todo este estudo, estará a *core category* “Defesas”, à qual se ligam diretamente os dois primeiros grupos e, por afinidade ainda que não de maneira tão direta, o terceiro (já que influencia os dois primeiros).

O fato desta ser a categoria central, ilustra a compreensão de que, tanto a vida emocional e comportamental destas crianças, como as relações que estabelecem, são grandemente marcadas por um comportamento defensivo em relação ao passado traumático; ou seja, que muitos dos problemas que os meninos da Casa do Pai apresentam nestas áreas, são vistos pelos funcionários como parte de estratégias que estas crianças construíram para se protegerem do mal que passaram antes de chegar à instituição.



## Discussão e análise dos resultados

A discussão e análise dos resultados obtidos será feita considerando o estudo *grounded* realizado por James P. Anglin em 2002 – *Pain, Normality and the Struggle for Congruence*. Nesta base, pretende-se cruzar a teoria emergente dos cinco funcionários da Casa do Pai, de que os comportamentos, atitudes e modos de relacionamento das crianças da instituição são constituídas como defesas contra o seu passado traumático, com a obtida por este autor, tentando assim trazer uma outra verificação dos resultados.

Anglin (2002) estuda as boas práticas nas instituições para crianças, tendo como objetivo definir um quadro teórico no qual o funcionamento e condições destas instituições fosse melhor compreendido: “The ultimate purpose of such framework is to assist in the development of standards of care, education and training initiatives, improved residential working and living conditions, more sensitive administrative procedures, and government policies that reflect the realities and potential of contemporary residential care and group home work.” (Anglin, 2002, p.23-24)

O autor utilizou como amostra os funcionários e responsáveis de três instituições canadenses diferentes, tendo-os entrevistado sobre a vida e o trabalho institucional, e baseando-se também no ambiente social e na convivência e observação do funcionamento das próprias instituições (Anglin, 2002).

Nesta base, o estudo de Anglin (2002) constitui a base teórica com a qual é possível comparar os resultados agora obtidos, visto não só estar próximo do tema, como ter sido desenvolvido com a mesma metodologia.

Anglin (2002) apresenta nas suas conclusões três processos psicossociais básicos que compreende estarem diretamente relacionados à “struggle for congruence in service of children’s best interests” (Anglin, 2002, p.55), ou seja, à luta pela congruência ao serviço do melhor para as crianças (institucionalizadas). Cada um deles estará relacionado diretamente com a sua *core category*: a congruência de práticas ao longo de toda a cadeia hierárquica da instituição; mas pode também ser visto cada um em separado como uma categoria principal, ligado cada um a um subproblema dentro da vida e do trabalho institucional.

Estes três processos serão: “The Extrafamilial Living Environment”, “Responding to Pain and Pain-Based Behaviour” e “Developing a Sense of Normality” (Anglin, 2002). Cada um deles será analisado individualmente, de acordo com os resultados obtidos no presente estudo.

### **“The Extrafamilial Living Environment” – O Ambiente de Vida Extrafamiliar**

Para Anglin (2002) é essencial para um bom funcionamento institucional e para o bem-estar das crianças, que seja criado na instituição um ambiente que não tente ser um ambiente familiar, porque efetivamente não o é e nunca o vai ser. Deste modo, o que deverá ser criado será um ambiente assumidamente artificial, especialmente concebido e aperfeiçoado para responder às necessidades das crianças e jovens que nele habitam: “...a group home and its staff are in place to offer an environment that will to a significant degree be able to cope with and adjust to the developmental and therapeutic needs to the residents. In this sense, a group home is an *artificial* rather than a *natural* context even though all of the interactions and activities will be real human experiences for all concerned.” (Anglin, 2002, p. 80)

No presente estudo podemos encontrar, nas respostas dos funcionários, uma perspetiva muito semelhante a esta, no que toca ao funcionamento da casa. Nas categorias relacionais, temos por exemplo na “Integração”, “*Voltar a criar esta relação é muito complicado. Consegue-se criar, consegue-se mostrar que há formas diferentes de estar, embora não seja numa família convencional, consegue-se fazer esse trabalho com eles;*” na categoria “Relação com a Instituição”: “*Eles estão institucionalizados e mesmo que as coisas aqui dentro tenham...os acalmem, e eles tenham uma vida minimamente orientada e estruturada, eles estão numa instituição e isso marca-os e eles todos os dias vivem com essa situação.*” Bem como numa das categorias de ligação entre os dois grupos principais – “Intervenção dos Funcionários”: “*e temos que passar um bocadinho por cima disso tudo, fazer um mundo mais cor-de-rosa, libertá-los um bocadinho: “Agora estão aqui connosco, estão protegidos, nada vai acontecer de mal...” ou “Temos que lhes dar a volta de outra maneira, para que eles se sintam bem cá.” ou “Por muito que nós possamos dar muito nunca é a mesma coisa. Nunca preenche a totalidade.”*

Estes são exemplos de que efetivamente os funcionários da Casa do Pai compreendem que estão a trabalhar numa instituição, num espaço diferente e próprio, onde as crianças têm determinadas necessidades a ser preenchidas por esse espaço. Tentam criar, assim, um espaço onde essas necessidades, acima de tudo, possam ser supridas.

Este fator relaciona-se também, diretamente, com a nossa *core category* – “Defesas”: se os funcionários da Casa do Pai compreendem os comportamentos e as relações das crianças como defesas contra o seu passado traumático, estão automaticamente a reconhecer esse passado, e as necessidades inerentes a esse passado a que a instituição tem que responder.

“Defesas”: “*Pronto, mas à partida eu acho que é um bocado isso: como foram retirados da família eles não vão abrir a boca, porque acham*

*que tudo o que vão dizer pode prejudicar a família ou pode prejudicar eles próprios.” ou “E então o dia-a-dia deles é criar esta ilusão em torno de uma coisa melhor, de uma coisa que não existe, mas que pronto, para eles é aquela segurança naquele momento” ou “os que não demonstram são aqueles em que o relacionamento foi cortado e que pronto, não podem, é escusado, vão demonstrar saudades de uma coisa que sabem que à partida não vai acontecer, e por isso a estratégia que eles utilizam é pôr de lado e tentar seguir a vidinha.”*

### **“Responding to Pain and Pain-Based Behaviour” – Saber responder à Dor e ao Comportamento baseado na Dor**

Este será talvez o ponto que mais se relaciona com o presente estudo, no sentido em que se relaciona mais de perto com a *core category* – “Defesas”.

Isto porque, para Anglin (2002) o “pain-based behaviour” será um conceito que abarca e abrevia todos os comportamentos de *acting-out* ou de natureza retraída que são despoletados pela revivência da dor psicoemocional, traumática, do passado destas crianças.

Temos, no presente estudo, relatos de muitos destes comportamentos nas categorias sintomáticas, como por exemplo: “Dificuldades de Expressão Verbal”, “Dificuldades Emocionais”, “Expressão pelo Comportamento” ou “Problemas do Sono”: *“temos um ou dois que pura e simplesmente não falam ponto final parágrafo.”; “Isto está mais relacionado com a revolta, com um mal-estar até constante que várias vezes demonstram (...);”; “Há aqui alguma coisa que os desorganiza e angustia e que eles têm que exprimir pelo comportamento.”; “Falamos alto de noite, dão muitas voltas na cama, custa-lhes muito adormecer.”*

Para Anglin (2002), as crianças institucionalizadas sofreram tanto e carregam tanta dor, que são como bombas-relógios, prontas a explodir a qualquer momento, sendo que muitas vezes antes de explodirem a sério podem enviar uma série de sinais que, se ninguém estiver atento, podem passar despercebidos. No seu estudo compreendeu que: “Workers in the better functioning homes tended to respond by interpreting the behaviour and responding sensitively rather than by immediately imposing external controls.” (Anglin, 2002, p.110).

Este comportamento ou compreensão dos funcionários pode ser observado na Casa do Pai, na categoria “Intervenção dos Funcionários”: *“É como eu disse: os que já têm estratégias de fuga mais trabalhadas, entre aspas, nós já sabemos quais são e percebemo-los em que fase é que eles estão na vida deles.” ou “Alguns deles até apresentam, nós sabemos perfeitamente que até apresentam tiques: quando andam mais nervosos têm*

*comportamentos que já podemos associar...” ou “E quando não se tem, eu acho que depois se perde de tudo um pouco, e nós emocionalmente não ficamos bem construídos, não ficamos bem solidificados, parece que estamos construídos em areia... e a areia desaba.”*

Este comportamento de interpretação frisado por Anglin (2002) e observado nos funcionários da Casa do Pai, é exatamente o que liga este fator do trabalho deste autor à *core category* do presente estudo: aquilo que surgiu desta interpretação do “pain-based behaviour” pelos funcionários foi exatamente a teoria de que muitos dos comportamentos (sobretudo disfuncionais – categorias sintomáticas) que estas crianças apresentavam, surgiam como defesa contra o passado traumático, contra esta dor precoce de que Anglin (2002) refere.

Efetivamente, conseguimos observar isso ao longo de toda a categoria “Defesas”: *“Percebe-se que a reação deles não é a normal numa criança de 6, 10, 12 anos mas que poderá ser a resposta que eles estão a conseguir construir;”* ou *“Ou seja, isto o atraso por exemplo a nível de escola, a nível de anos escolares pode ser resultado não de dificuldades deles, mas sim deste tipo de comportamentos e deste tipo de atitudes que eles começam a tomar para um bocado se evadirem do que é a história de vida deles.”* ou *“Temos outro que quando vê que eles estão a começar a gostar mesmo dele, ele afasta, ele corta, não dá hipótese que a pessoa avance mais um bocadinho. Ele não avança, mas também não deixa que as pessoas avancem, corta mesmo, e não vai além disso mesmo.;*” ou *“Isso nós notamos, até porque por exemplo, os que já cá estão há mais tempo e que perderam o contacto com as famílias com o tempo criaram estas formas de evasão recorrentes, ou seja, temos crianças que construíram todo um mundo à volta delas que foi o mundo que elas...hm... foi a forma que elas acharam para lidar com isto.”*

Esta associação remete-nos para que efetivamente as teorias que os funcionários constroem sobre as crianças e os seus comportamentos, bem como a reação que demonstram com base nessas teorias, será, segundo as conclusões de Anglin (2002), adequado a um **bom** funcionamento institucional e ao bem-estar das crianças.

### **“Developing a Sense of Normality” – Desenvolver uma Sensação de Normalidade**

O último fator definido por Anglin (2002) será o de desenvolver uma sensação de normalidade na instituição: “One of the challenges for group home staff is not to allow the necessity of responding to the group to overshadow the need to see and understand each youth as an individual. In the same way that each child will experience his or her family in a different way than their siblings, it is evident that each resident experiences a group

home and group home staff members in his or her own unique way.” (Anglin, 2002, p.123) Assim, faz sentido que o objetivo principal dos funcionários, segundo este autor, seja a criação de um ambiente institucionalizado que desenvolva um sentimento de pertença, de autoestima e de competência em algumas atividades, e que seja desenvolvimentalmente apropriado e terapêutico.

As crianças institucionalizadas, vindo a maior parte das vezes de ambientes destrutturados e com falhas no desenvolvimento cognitivo e emocional, têm na maioria das vezes lacunas na linguagem e nos conceitos que definem e comunicam aquilo que eles viram, ouviram e sentiram no seu passado. Assim, percebe-se que: “They sometimes need the guidance of an adult to talk with them about what they were experiencing in order to have that experience “take hold” and become accessible to them within their own cognitive developmental processes and decision-making.” (Anglin, 2002, p.124).

Os funcionários da Casa do Pai apresentam, tal como Anglin descreve, esta capacidade de “guiar” estas crianças e jovens nos seus sentimentos e memórias, acabando por tentar “legendar” (tal como uma mãe legenda os pensamentos do seu bebé/criança) aquilo que eles estão a sentir e que não conseguem comunicar ou expressar de forma normativa ou saudável para eles.

Podemos constatar estas competências nas categorias “Intervenção dos Funcionários”, “Expressão Verbal” e “Relação com os funcionários”: *“E que a gente através dessas coisitas que eles nos vão mostrando nas primeiras horas, nos primeiros dias, a gente vai chegando a eles: o que é que eles gostam, o que é que eles gostam menos, o que é que os faz esquecer o que eles passaram, sobre o que é que a gente pode falar com eles, ou dizer certas e determinadas coisas ou fazer algumas perguntas assim mais...”* ou *“Se às vezes ficam assim mais tristes, mais murchitos, a gente vai e tenta saber porquê, vamos lá dar a volta.”*; *“Os outros é mais difícil; é mais de conversar, tentar perceber.”*; *“Mas nós sentimos que apesar de tudo que eles confiam e que sabem que nós estamos aqui para os ajudar e para os apoiar.”*

Tal como os fatores anteriores, também este se relaciona com a presente *core category* – “Defesas”, no sentido em que se os funcionários percebem os comportamentos destas crianças como defesas, estarão automaticamente mais aptos a “legendar” estes comportamentos e os sentimentos que lhes estão subjacentes, bem como a tratar cada criança como um ser individual, com os seus próprios problemas e dores.

Vejamos, na categoria “Defesas”: *“parece que têm medo que vá acabar, que têm um buraco sem fundo que também deve estar muito ligado às coisas emocionais.”* ou *“Pronto, nem sempre são estáveis, nem sempre*

*são construídas da melhor forma...da melhor forma quer dizer, da forma mais comum mas a nível de desenvolvimento acho que é esta a questão.” ou “E se o pai não vem, ou se o pai falta, ou se o pai não telefona, ou se não sabe pura e simplesmente do pai pode não demonstrar...”*

Finalmente, e voltando ao primeiro fator de Anglin (2002) – “Creating an Extrafamilial Living Environment”, o autor defende que apesar de criar esta sensação de normalidade para cada criança, os funcionários não devem nunca esquecer-se que o ambiente institucional deve continuar a ser um ambiente *artificial*: “...it has already been noted in Chapter 5 that, for a variety of possible reasons, what some young people need at a certain stages in their development is *not* a family. Rather, what they may need is a “sense of family life.” (Anglin, 2002, p.126). Terá já sido referido no primeiro ponto desta discussão que, apesar desta compreensão estreita da dor e dos comportamentos das crianças, os funcionários da Casa do Pai têm noção desta diferenciação.

O seguinte esquema (Diagrama 2) ilustra o cruzamento dos dados entre os dois estudos:



Diagrama 2 – Cruzamento dos dados obtidos neste estudo com os resultados do estudo de James P. Anglin (2002)

Podemos observar no diagrama que tanto o grupo 1 como o grupo 2 de categorias do presente estudo se ligam aos fatores encontrados por Anglin (2002). No entanto, podemos considerar que as categorias do primeiro grupo se ligam diretamente ao fator “Pain-Based Behaviour” porque no estudo de Anglin (2002) este se reporta diretamente aos comportamentos ou atitudes negativas e desviantes destas crianças institucionalizadas, que são também percebidas e relatadas pelos funcionários da Casa do Pai no grupo das categorias “Sintomáticas”. Por outro lado, o fator “Developing a Sense of Normality” liga-se diretamente ao segundo grupo porque se relaciona com a gestão das relações na instituição, tal como o grupo das categorias “Relacionais” se reporta à maneira como os funcionários da Casa do Pai não só vêm e compreendem, mas também gerem as relações das crianças. Finalmente, teremos um fator que se liga a ambos os grupos, que será o “Creating an Extrafamilial Environment”, porque embora também diga respeito às relações e à gestão destas no ambiente institucional, também se vai ligar à parte sintomática dos comportamentos, atitudes e sentimentos, sendo que passa pelo adotar da instituição de uma função assumidamente terapêutica e direcionada para estes últimos.

Mais uma vez destacada de todos os outros, temos a *core category*, à qual se ligam diretamente os dois grupos de categorias do nosso estudo, e indiretamente os fatores de Anglin (2002); no sentido em que esta categoria mostra uma compreensão de tal modo ampla e rica dos funcionários em relação às crianças e jovens da Casa do Pai, que acaba por se relacionar com os fatores de Anglin (2002) no sentido em que ilustra a atitude postulada por este autor, necessária aos funcionários de qualquer instituição para que os três fatores se concretizem e efetivamente se instale um ambiente de bom funcionamento e bem-estar na instituição.

## Conclusões

Da análise qualitativa aplicada às entrevistas dos funcionários da Casa do Pai, surgiram 17 categorias, que foram divididas em três grupos: “categorias sintomáticas”, ligadas diretamente ao sofrimento percebido das crianças/jovens da instituição pelos funcionários; “categorias relacionais”, que dizem respeito ao ambiente social envolvente, nomeadamente às relações na instituição e com a instituição, mais uma vez percebidas pelos funcionários; e, finalmente, um grupo de ligação entre os dois primeiros grupos - constituído pelas categorias “Expressão Verbal”, “Expressão Emocional” e “Relação com os Funcionários”- que demonstra a perceção dos sujeitos de que, através da relação e da intervenção sobre estas crianças, no sentido da abertura e da compreensão, os sintomas e o sofrimento inerente a estas poderão ser atenuados ou “aliviados”, bem como as relações melhoradas.

Todos estes três grupos estão de alguma maneira ligados à categoria central ou *core category*: “Defesas”. Isto é, a categoria mais importante neste estudo e que nos demonstra que o comum a todas as teorias construídas por estes funcionários é a sua perceção de que os comportamentos, atitudes e dificuldades destas crianças surgem como defesa contra o seu passado traumático e a dor que este ainda gera nelas.

Numa segunda fase desta análise, os resultados foram comparados com os obtidos por Anglin (2002), que estudou o que seria necessário para um bom funcionamento de uma instituição de acolhimento a crianças e jovens. Esta comparação mostrou que, efetivamente, os funcionários da Casa do Pai percebem as crianças e o seu funcionamento, e tentam ao máximo providenciar-lhes o acompanhamento correto, bem como instaurar na instituição um ambiente que seja o mais benéfico e contentor possível. As teorias construídas por estes trabalhadores aproximam-se de uma maneira muito positiva de teorias já estudadas pela Psicologia, sendo que terão sido obtidas por eles unicamente por experiência empírica de trabalho, relação e empatia para com as crianças.

Em termos de literatura, existe ainda pouca investigação que se foque nas teorias e perceções de funcionários de instituições de acolhimento (Darlington, Osmond, & Peile, 2002). No entanto, alguns autores falam-nos do quão seria importante “ouvir” as vozes destes trabalhadores, no sentido de melhorar a qualidade institucional, e de formar os funcionários de acordo com as necessidades específicas da instituição, para que pudessem desempenhar um melhor trabalho (Darlington, Osmond & Peile, 2002; Cheung, Goodman, Leckie, & Jenkins, 2011; Bademci, 2012).

Podemos considerar, neste estudo, que os resultados se apresentam bastante positivos. Podemos compreender, através deles, o quão importante é o trabalho dos funcionários no ambiente institucional, como principais



cuidadores e provedores de bem-estar para as crianças que neles habitam; bem como o quão importante será “ouvi-los” e compreender as teorias que constroem sobre o trabalho que fazem, o ambiente institucional e as próprias crianças.

O presente estudo utilizou apenas uma instituição e os cinco funcionários que nela trabalham. No entanto, espera-se que possa servir de “trampolim” para que mais estudos sejam efetuados neste sentido, noutras instituições, que possam funcionar de maneira diferente da Casa do Pai, com diferentes práticas e grupos diferentes de funcionários.

Seria também benéfico um estudo deste tipo em Portugal com uma amostra maior que abarque um maior número de Centros de Atendimento Temporários ou Lares, para que se possa compreender o funcionamento geral das instituições para crianças e jovens em risco no nosso país, e assim possivelmente melhorar a atitude e o funcionamento daqueles que trabalham nesta área, bem como dos seus superiores, fornecendo-lhes a formação que de facto possam necessitar.

Assim, deixam-se em aberto as questões: Será que isto acontece em todas as instituições? Será que todos os funcionários do sistema institucional são capazes de construir este tipo de teorias e compreensões?

Serão questões que, se investigadas, poderão melhorar em muito a qualidade do nosso sistema institucional e da vida destes “meninos perdidos” que carregam às costas este passado, muitas vezes silenciosamente, à espera que alguém as compreenda, ou às vezes alguém que simplesmente esteja verdadeiramente disponível. Tão disponível que elas possam finalmente acreditar em alguém como um adulto fiável.

As crianças institucionalizadas carregam dentro de si uma dor e um sofrimento de um passado que é, na maioria das vezes, traumático, e que não as deixa nem desaparece só porque são retiradas às famílias mal tratantes. Os funcionários da Casa do Pai percebem isso, e agem de acordo com esta percepção.

## Bibliografia

Anglin, J. (2003) *Pain, Normality and the Struggle for Congruence: Reinterpreting Residential Care for Children and Youth*. Routledge: New York.

Bademci, H. Working with Vulnerable Children: Listening to the Views of the Service Providers Working with Street Children in Istanbul. (2012). *Children and Youth Services Review*, 34(4), 725-734.

Blumer, H. (1931). Science without concepts. *American Journal of Sociology*, 36, 515-533.

Bion, W. (1962). *Learning from Experience*. Heinemann: London.

Bohleber, W. (2010). *Destructiveness, Intersubjectivity and Trauma: The Identity Crises of Modern Psychoanalysis*. London: Karnac Books.

Bohleber, W. (2007). Remembrance, Trauma and Collective Memory: The Battle for Memory in Psychoanalysis. *The International Journal of Psychoanalysis*, 88(2), 329-352.

Brenner, I. (2001). *Dissociation of Trauma: Theory, Phenomenology, and Technique*. Madison: International Universities Press, Inc.

Charmaz, K. (2008) Constructionist and the Grounded Theory Method. In Holstein, J. & Gubrium, J. (Ed.) *Handbook of Constructionist Research* (p. 397-413). The Guilford Press: New York.

Charmaz, K. (2006). *Constructing Grounded Theory: A Practical Guide through Qualitative Analysis*. London: Sage Publications Limited.

Cheung, C., Goodman, D., Leckie, G. & Jennifer, J. (2011). Understanding Contextual Effects on Externalizing Behaviours in Children in Out-of-Home Care: Influence of Workers and Foster Families. *Children and Youth Services Review*. 33(10). 2050-2060

Corbin, J. & Strauss, A. (1994). Grounded Theory Methodology. *Handbook of Qualitative Research*, 273-285.

Corbin, J. & Strauss, A. (1990). Grounded Theory Research: Procedures, Canons, and Evaluative Criteria. *Qualitative Sociology*, 1(12), 4-21.

Darlington, Y., Osmond, J. & Peile, C. (2002). Child Welfare Workers Use of Theory in Working with Physical Child Abuse: Implications for Professional Supervision. *Families in Society*, 83(1), 54-64.

Dewey, J. (1925). *Experience and Nature*. Chicago: Open Court.  
Fielding, N. & Fielding, J. 1986. *Linking Data*. Beverly Hills, CA: Sage.

Frankel, J. (1998). Ferenczi's Trauma Theory. *The American Journal of Psychoanalysis*, 58(1), 41-61.

Glasser, B. & Strauss, A. (1967). *The Discovery of Grounded Theory*. Aldine: Chicago.

Hughes, E. (1971). *The Sociological Eye*. Aldine: Chicago.

Kahan, B. (1994). *Growing up in groups*. London: HMSO

Khan, R. (1963). The Concept of Cumulative Trauma. The Privacy of the Self, ed. G. Kohon. Free Association Press: London, 1974.

Kenrick, J. (2004). Remembering and Forgetting: Working with Memories of Trauma with Fostered and Adopted Children. *Journal of Infant, Child and Adolescent Psychotherapy*, 3(3), 356-368.

Maldonado, G. & Cardoso, M. (1998). O Trauma Psíquico e o Paradoxo das Narrativas Impossíveis, mas Necessárias. *Psicologia Clínica, Rio de Janeiro*, 1(21), 45-57.

Mead, H. (1934). *Mind, Self and Society*. University of Chicago: Chicago.

Naso, R. (2008). Rethinking Trauma: a Critical View of Invalidation. *Psychoanalytic Psychology*, 25(1), 2-25.

Nicola, A., Conners-Burrow, Kramer, T., Siegel, B., Helpenstill, K., Sievers, C. & McKelvey, L. (2013). Trauma-Informed Care Training in a Child Welfare System: Moving it to the Front Line. *Children and Youth Services Review*, 35(11), 1830-1835.

Oliveira, N. (2011). *Costurando Rupturas: o Trauma na Clínica Psicanalítica com uma Criança*. Projecto de Pós-Graduação apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

Park, R. & Burgess, E. (1921). *An Introduction to the Science of Sociology*. University of Chicago: Chicago.

Parker R., Ward, H., Jackson, S., Aldgate, J. & Wedge, P. (Eds.). (1991). *Looking after children: Assessing outcomes in child care*. London: HMSO.

Pecora, P., Jensen, P., Romanelli, L., Jackson, L. & Ortiz, A. (2009). Mental Health Services for Children Placed in Foster Care: An Overview of Current Challenges. *Child Welfare*, 88(1), 5-26.

Perry, B., Pollard, R., Blakely, T., Baker, W. & Vigilante, D. (1995). Childhood Trauma, the Neurobiology of Adaptation and "Use-Dependent" Development of the Brain: How "States" become "Traits". *Infant Mental Health J*, 16(4), 271-291.

Santos, M. & Luz, E. (n/d). A Grounded Theory Segundo Charmaz:

experiências de utilização do método. Retirado de [http://www.infiressources.ca/fer/depotdocuments/A\\_Grounded\\_Theory\\_segundo\\_Charmaz-experiencias\\_de\\_utilizaco\\_do\\_metodo.pdf](http://www.infiressources.ca/fer/depotdocuments/A_Grounded_Theory_segundo_Charmaz-experiencias_de_utilizaco_do_metodo.pdf)

Silverman, W., Ortiz, C., Viswesvaran, C., Burns, B., Kolko, D., Putnam, F., & Amaya, J. (2008). Evidence-Based Psychosocial Treatments for Children and Adolescents Exposed to Traumatic Events. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 37(1), 156-183

Ward, H. (Ed.). (1995). *Looking after children: Research into practice*. London: HMSO.

## Anexos

## **Questões a realizar aos funcionários da Casa do Pai - Centro de Acolhimento Temporário para Crianças e Jovens em Risco**

### **Vida emocional**

- Como descreveria estas crianças em termos emocionais e comportamentais quando chegam à Casa do Pai? Consegue destacar alguma característica emocional particular? (dar exemplos)

E passados seis meses?

- Estas crianças costumam apresentar dificuldades ao nível do desenvolvimento cognitivo e emocional?

- O que é que costumam fazer (ou é mais típico) quando se zangam?

- Costumam ter pesadelos? Falam deles?

- Quais costumam ser os sonhos de vida destas crianças? Aquilo que elas aspiram ser e conseguir no futuro.

### **Relação parental**

- Como é que estas crianças normalmente vêm os pais? Se lhes pedisse para os descrevem como é que elas o fariam?

- Elas geralmente compreendem porque foram retiradas aos pais?

- Costumam ter muitas saudades de casa? Como lidam geralmente com essas saudades?

### **Relação com a instituição**

- Como é que se dão, se relacionam umas com as outras na casa? E com os adultos (auxiliares, diretora, professores, outras pessoas que trabalhem de perto com elas na Fundação)?

- Como se relacionam com as famílias amigas? E com as famílias de acolhimento?

### **Memórias traumáticas**

- Que coisas as crianças tendem a evocar (falam, recordam, expressam) do seu passado?

- Os traumas vividos são expressos por estas crianças? Como, quando, de que maneira? (a falar, a brincar, a desenhar, na relação com os outros...)

- As crianças falam do seu passado e das situações traumáticas que viveram a alguém? Se sim, quem?

- Como acha que elas lidam com as coisas "más" desse passado?

### **Expressão lúdica**

- Quando brincam evidenciam aquilo que sofreram? Como?

- Costumam desenhar as situações mais traumáticas?

- Costumam “agir” sobre os outros meninos, quando brincam, esses traumas/situações dolorosas do passado?

**- Existe uma grande probabilidade de que necessite de conversar consigo novamente daqui a algumas semanas, para lhe fazer mais algumas questões. Estaria disponível para tal?**

**Nota final:** Este questionário, apesar de conter muitas perguntas e algumas delas serem bastante específicas, vai tender para ser o mais aberto e flexível possível, como mandam os moldes da metodologia da *Grounded Theory*. O pretendido será que os sujeitos falem o mais livremente possível sobre as suas experiências com estas crianças, e aquilo que consideram serem as estratégias que estas utilizam para lidar com as suas memórias dolorosas. As questões serão apenas as condutoras deste discurso.

**Questões a realizar aos funcionários da Casa do Pai - Centro de Acolhimento Temporário para Crianças e Jovens em Risco - Segunda Ronda**

**1. Dificuldades emocionais**

Das entrevistas que realizei no início do ano surgiu a questão dos meninos da Casa do Pai poderem apresentar algumas dificuldades emocionais, como a revolta, a zanga, a culpabilização... Acha que eles apresentam essas dificuldades? Porque é que acha que elas existem?

**2. Contenção emocional**

Acha que eles são meninos mais de colocar as emoções cá para fora ou de as esconder e guardá-las dentro de si? Porque é que acha que eles se comportam dessa maneira?

**3. Core Category**

Foi mencionado por todos vocês, nas entrevistas anteriores, que os meninos da Casa do Pai têm algumas dificuldades em falar sobre o que sentem e sobre o passado, que são bastante impulsivos e que chegam com bastantes dificuldades cognitivas, no início, bem como têm alguma dificuldade em confiar nas pessoas quando chegam.

Porque é que acha que eles apresentam estas características? Acha que as razões serão as mesmas que apresentou para as questões anteriores que lhe coloquei hoje?